

ENTREVISTA

Maria José Braga

Presidenta da Federação Nacional de Jornalistas Fenaj (Brasil)

APRESENTAÇÃO

Maria José Braga é presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas do Brasil (Fenaj), entidade que representa mais de 40 mil jornalistas associados aos 27 sindicatos estaduais e quatro municipais que compõem a Federação. Ela também integra o Comitê Executivo da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ). Desde 1998, a Fenaj divulga o relatório *Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa*, produzido com base em denúncias encaminhadas aos sindicatos e à própria Federação. A última edição do relatório mostra que o ano de 2020 foi o mais violento da série histórica, com 428 casos, 105,77% a mais que o número de ocorrências registradas em 2019. Os registros incluem não só casos de assassinato e violência física, mas também ameaças, intimidações, censura, racismo e ações de descrédibilização do trabalho dos jornalistas. E, neste último quesito, Jair Bolsonaro aparece no relatório como um dos principais agressores: 152 casos (35,51% do total de agressões) foram atribuídos à ação do presidente da República. Jornalista e professora, com formação em filosofia, Maria José Braga tem mais de 23 anos de atuação no jornalismo.

Como você vê a evolução dos casos de violência contra jornalistas no Brasil?

A Federação Nacional dos Jornalistas faz esse levantamento desde 1998. Durante muitos anos, houve uma variação relativamente pequena no número de casos. Houve uma explosão comparada ao histórico anterior em 2013, com as manifestações de rua que ocorreram no Brasil. Em 2014 e 2015 voltou a baixar. Em 2016, devido ao processo de impeachment da presidenta Dilma, os casos de violência voltaram a crescer bastante. 2017 permanece mais ou menos igual. 2018 volta a crescer em razão das eleições. De 2018 para 2019, há um grande crescimento de mais de 50% em razão da posse do presidente Jair Bolsonaro. Em 2019, ele já passa a ser o principal agressor com os ataques verbais constantes que faz. De 2019 para 2020, houve um crescimento de 105% nos casos de agressões diretas a jornalistas e de ataques à liberdade de imprensa

com tentativas do que chamamos de descrédibilização da imprensa. Então, de 2018 para 2019, a gente tem um aumento de 50%; e de 2019 para 2020, um aumento de 105%, o que, no nosso entendimento, se caracteriza de fato como uma política de institucionalizar a violência contra jornalistas no Brasil por meio da presidência da República.

Como você poderia explicar o número importante de casos de violência, de ataques, contra servidores públicos? Esse é um fenômeno ligado ao governo Bolsonaro ou é um fenômeno mais antigo?

Nesse caso específico de 2020, é um fenômeno ligado ao bolsonarismo, porque um grande número de censuras à informação ocorrido em veículos de comunicação foi registrado, sobretudo nos veículos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que é uma empresa que deveria ser pública, criada por lei com ca-

Pour citer cet article, to quote this article, para citar este artigo :

Maria José Braga, « Entrevista », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 10, n°1 - 2021, 15 juin - june 15 - 15 de junho.
URL : <http://www.surlejournalisme.com/rev>

Tipos de violência contra os jornalistas registrados no Brasil em 2020.

ASSASSINATOS – 2 CASOS	0,47%
AGRESSÕES FÍSICAS – 32 CASOS	7,48%
AGRESSÕES VERBAIS/ATAQUES VIRTUAIS – 76 CASOS	17,76%
AMEAÇAS/INTIMIDAÇÕES – 34 CASOS	7,94%
ATAQUES CIBERNÉTICOS – 6 CASOS	1,40%
ATENTADO – 1 CASO	0,23%
CENSURAS – 85 CASOS	19,86%
CERCEAMENTOS À LIBERDADE DE EXPRESSÃO POR MEIO DE AÇÕES JUDICIAIS – 16 CASOS	3,74%
DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA – 152 CASOS	35,51%
IMPEDIMENTOS AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL – 14 CASOS	3,27%
INJÚRIAS RACIAIS/RACISMO – 2 CASOS	0,47%
SEQUESTRO/CÁRCERE PRIVADO – 2 CASOS	0,47%
VIOLÊNCIA CONTRA A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES/SINDICAL – 6 CASOS	1,40%

Fonte: FENAJ. (2020) *Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa – Relatório 2020*. Brasília: Fenaj, p. 7. Recuperado de: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf.

características públicas, mas que, desde o golpe da presidenta Dilma e a então ascensão de Michel Temer e, mais ainda, com a ascensão de Bolsonaro, essa empresa perdeu todas as características de empresa pública, seu conselho deliberativo foi desfeito, a política interna de nomeação de cargos de direção foi totalmente revista. Militares passaram a ocupar cargos de direção, passaram a interferir diretamente na produção jornalística, tanto da TV Brasil quanto das rádios que integram a EBC, quanto das agências e portal de notícias. Passou a haver uma censura direta aos profissionais e a temas do jornalismo que eram abordados anteriormente pelos profissionais desses veículos sem nenhum problema. Então está sim associado ao bolsonarismo. Eu queria aproveitar para dizer que a violência da censura, pelo menos no Brasil, é a mais difícil de ser registrada. No nosso entendimento, os números são altos, mas eles são absolutamente subnotificados porque existem muitos mais casos de censura, principalmente a censura política e econômica nos veículos de comunicação, que os profissionais, por motivos óbvios, como a manutenção do emprego, não denunciam. Então essa é uma violência que a gente faz questão de denunciar, mas sabemos que nossos números estão muito aquém da realidade do Brasil.

Por que o presidente Bolsonaro agride os jornalistas? É por uma questão de estratégia política, para mobilizar sua base, ou ele faz isso por uma questão de personalidade, de ideologia? A que você atribui esse comportamento do presidente?

A gente identifica três fatores para esse comportamento do Presidente. Um aspecto é o pessoal. Ele é um político que ascendeu à presidência sem ter absolutamente condições morais de ascender à presidência. É uma pessoa que, na vida pública, sempre

teve um comportamento inadequado, linguagem chula, um comportamento de quem não ocupa um espaço institucional. Mas é claro que isso é um aspecto menor. A gente identifica dois aspectos muitíssimo mais graves. Primeiro, o presidente, reiteradamente, mostra não ter nenhum respeito pelas instituições democráticas. É uma personalidade autoritária, que defende projeto político autoritário, se possível, autocrático. É uma pessoa que defende o autoritarismo, tanto que defende a ditadura militar, como forma de governo. Quando a gente fala que ele despreza as instituições democráticas, a gente inclui a “imprensa”. Então essa institui-

ção imprensa é também desprezada por ele, assim como as demais, assim como todo tipo de organização popular, sindical, etc. E, um último aspecto, para nós há sim uma tática de comunicação do governo nessas reiteradas agressões. É uma tática de comunicação que se soma a uma tática política. O que acontece é que Bolsonaro agride para desacreditar o trabalho da imprensa, para desacreditar o jornalista, e um dos motivos é para manter seus apoiadores na bolha bolsonarista. Essas pessoas desinformadas continuam apoiando o governo porque buscam informação somente nas chamadas bolhas bolsonaristas, sites e portais de notícias e perfis nas redes sociais que a gente sabe que são pagos para disseminar falsas informações a respeito do governo e para justificar atos do governo. Então, há uma produção muitíssimo eficiente de desinformação a favor do governo. E tem também um outro aspecto: o Bolsonaro usa os ataques à imprensa e aos jornalistas para desviar o foco do debate público. Sempre que ele está acuado, quando o noticiário está tratando de determinados assuntos que o atingem diretamente e obviamente ele não tem resposta para o que está sendo noticiado, ele faz uma agressão chula e aí isso desvia um pouco do debate.

E você acha que isso tem uma consequência em termos de violência de outros atores da sociedade? A violência do presidente acaba iniciando outras formas de agressões por parte da sociedade?

Sim, nós acreditamos que o governo Bolsonaro e até seus apoiadores que não fazem parte do governo têm como prática a apologia à violência. No caso dos políticos e, em especial, do presidente, isso tem uma vinculação direta à indústria armamentista. Ele não esconde que quer armar a população e, para nós, isso

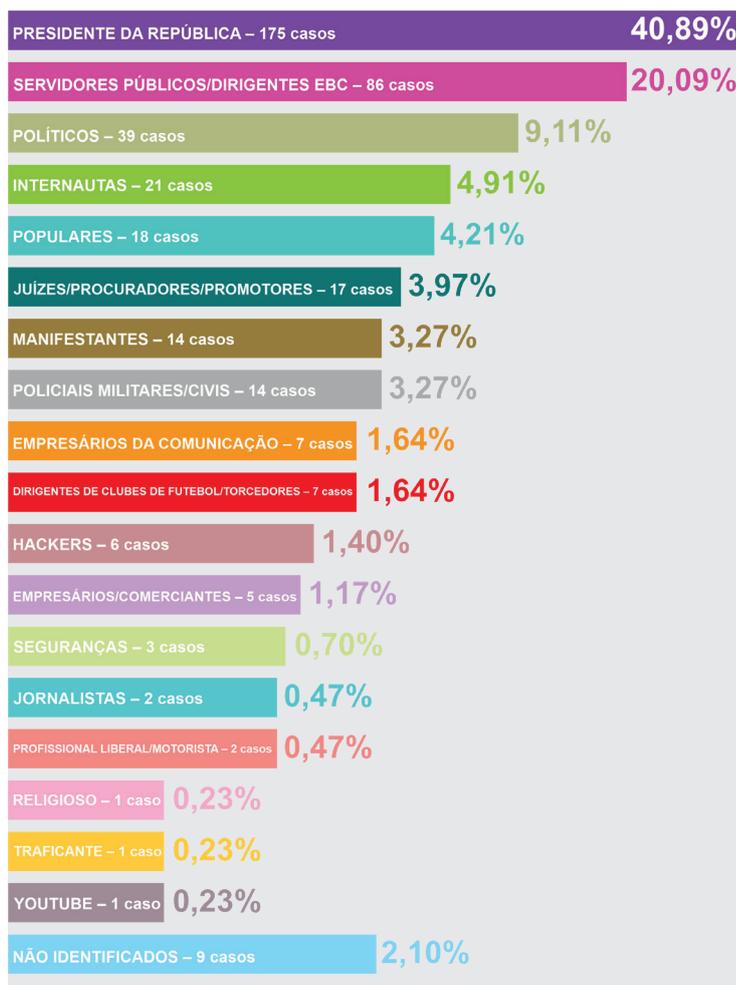
é gravíssimo porque ele não admite, mas sabemos da ligação de Bolsonaro e seus filhos com as milícias, o que coloca, de fato, o Estado democrático de direito em risco. Há uma relação entre as agressões do presidente e de outros atores sociais. Com a ascensão do bolsonarismo e essa apologia à violência, os violentos, as pessoas que desprezam a democracia e que acham que o uso da força pode resolver conflitos, os preconceituosos dos diversos aspectos, saíram às ruas, mostraram a cara. Hoje é comum no Brasil uma pessoa dizer abertamente que é homofóbica e achar que isso faz parte da liberdade de expressão, do não-culto ao politicamente correto. Então isso influenciou o comportamento de outros políticos, influenciou o comportamento de parte da sociedade e o resultado efetivo é o crescimento da violência contra jornalistas e contra todos os defensores de direitos humanos.

E você acha que isso tem levado ao aumento da violência contra as mulheres jornalistas?

Sim, porque quando uma jornalista faz uma reportagem denunciando algo do governo ou um artigo criticando uma posição do governo, a militância bolsonarista atua como bloco para atacar aquela profissional. A gente tem desde 2019 profissionais que são atacados dezenas de vezes no mesmo dia, claramente com a utilização de *bots*. Essa característica misógina do governo e de negação do politicamente correto também ajudou a produzir no Brasil um grande aumento da violência contra a mulher como um todo, dos casos de feminicídio.

O número de casos denunciados por mulheres no relatório de 2020 é bem menor que o dos homens. Como explicar essa diferença?

Principais responsáveis pelos atos de violência contra os jornalistas no Brasil



Fonte: FENAJ. (2020) *Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa – Relatório 2020*. Brasília: Fenaj, p. 13. Recuperado de: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf.

Apesar de ter crescido a violência contra mulheres jornalistas, principalmente as agressões verbais e os ataques virtuais, os homens continuam sendo o maior número de vítimas. A gente não tem um número científico sobre isso. O relatório não tem uma metodologia científica, nós fazemos de acordo com o nosso trabalho sindical. Os profissionais de imagem, repórteres fotográfico e cinematográfico são as principais vítimas e a explicação que nós temos é empírica, é prática. Ao portar equipamentos, ao portar uma câmera fotográfica, ao portar uma câmera de filmagem, esse profissional é mais facilmente identificável e aí é mais facilmente atacado. Então, principalmente as agressões físicas, elas são em maior número contra os homens e no Brasil a gente tem uma grande proporção de homens ocupando essas duas funções de repórter fotográfico e de repórter cinematográfico.

Como a Fenaj se posiciona em relação à regulamentação das redes sociais?

Nós temos uma posição favorável à regulação da atuação das redes sociais e temos, vamos dizer assim, uma tendência favorável à moderação de conteúdos com base em regulação. O que eu quero dizer com isso? Nós também somos totalmente contra a censura privada que essas grandes plataformas digitais fazem hoje. Google, Facebook, YouTube fazem censura privada sem absolutamente nenhum debate com a sociedade, sem critérios que sejam de fato transparentes, utilizando algoritmos que não servem para avaliar a comunicação humana. Então, a gente é radical-

mente contra a censura privada e acha que é preciso que os diversos países se debrucem sobre uma regulação de amplo alcance, inclusive transnacional, para que os crimes cometidos na internet sejam de fato identificados, punidos e com isso haja uma diminuição considerável. É possível fazer isso, já existem inclusive muitas entidades que trabalham sobre isso, com propostas, e falta de fato uma vontade dos governos e dos organismos internacionais.

Como os jornalistas reagem a essa violência? O que eles podem fazer?

Há uma sensação de indignação geral na categoria. Todos se mostram indignados, mas nem sempre há a reação de solidariedade. Vou dar um exemplo: um grande número de ataques de Jair Bolsonaro ocorreu em frente ao Palácio da Alvorada – residência oficial do presidente. Naquele espaço, o presidente para todo dia para conversar com apoiadores. Ao invés de dar uma entrevista aos jornalistas que fazem a cobertura naquele local, o presidente atacava os jornalistas e estimulava as pessoas que estavam ali a também atacar os profissionais da mídia. Desde o princípio, a Fenaj procurou as associações das empresas de comunicação para pedir que os jornalistas não fossem enviados para aquela cobertura porque ali não é um espaço para coletiva e ele interage com os jornalistas que estão ali para provocar essa violência. Se ele quisesse convocar coletivas e dar informações, ele convocava os jornalistas para o Palácio do Planalto, que é onde o presidente da República despacha, e não na rua, no meio de uma claque que está ali para aplaudir e gritar de acordo com o comando dele. Os meios de comunicação só reagiram a essa prática quatro meses depois do pedido da Fenaj. Então é preciso que os jornalistas estejam atentos, que façam o debate interno nos seus locais de trabalho, que cobrem de seus chefes imediatos para que haja medidas protetivas para o seu trabalho. A Fenaj defende que cada veículo de comunicação tenha internamente a sua comissão de segurança, que essa comissão possa avaliar as possíveis coberturas de risco e definir medidas mitigatórias para essas possíveis situações de risco.

Você acha que a justiça e a polícia poderiam proteger os jornalistas?

As forças de segurança públicas e o sistema de justiça, no caso do Brasil, são as delegacias civis, o ministério público e o judiciário. Nós achamos que todos deveriam atuar para defender o jornalista e a liberdade de imprensa, mas não é o que ocorre, absolutamente. Até 2012, os principais agressores de imprensa eram os políticos. De 2013 a 2016, com as manifestações de rua, os policiais civis e militares passaram a ser os principais agressores, então, ao invés de protegerem o jornalista, essas forças de segurança eram as que mais agrediam jornalistas. Essas agressões se davam e continuam se dando como uma tentativa de impedimento

Distribuição dos casos de violência pelo gênero da vítima



Fonte: FENAJ. (2020) *Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa – Relatório 2020*. Brasília: Fenaj, p. 10. Recuperado de: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf

do jornalista de registrar a ação indevida e ilegal das forças de segurança. É sempre quando um policial está agredindo um manifestante e o jornalista registra esse ato é que [ele] é agredido. São situações que mostram o despreparo e o desrespeito dessas polícias, que o jornalista vai registrar e passa a ser vítima da violência. No caso do judiciário, nós temos um grande número de ações judiciais contra jornalistas e contra veículos de comunicação. Quase sempre, em primeira instância, o judiciário age como censor, mas até hoje o Supremo Tribunal Federal tem garantido a liberdade de imprensa.

Em relação a outros países da América Latina e da Europa, como você classifica a violência contra jornalistas? O Brasil é considerado um país violento?

Os organismos internacionais normalmente medem a violência contra jornalistas pelo número de mortes. É claro que o número de mortes representa uma violência extremada e deve ser conhecido e os países com o maior número de mortes precisam ter medidas de fato efetivas de proteção aos jornalistas. Na América Latina, o país com maior número de mortes é o México que, em determinadas épocas do ano, chega a suplantam zonas de conflito. México realmente é uma situação muitíssimo preocupante em razão do domínio do narcotráfico dentro da fronteira mexicana. Nós entendemos que a violência contra jornalistas não pode ser medida somente na violência extrema, somente pelo número de assassinatos. E é por isso que tentamos mapear e caracterizar essas outras agressões no nosso relatório. Temos no Brasil uma imprensa muitíssimo concentrada, poucas famílias dominando a comunicação eletrônica e a comunicação impressa e digital. Essa concentração obviamente gera um tipo de informação jornalística que muitas vezes não atende os interesses da sociedade. As sociedades regionais e locais quase nunca são contempladas, então há um grande sentimento de parte da população de que o trabalho da

imprensa é insuficiente. Para nós, essa questão da insatisfação poder gerar agressão ela é um fenômeno inexplicável porque quase não ocorre nas outras profissões.

Vocês acompanham casos de assédio moral e sexual nas redações?

Sim, nós acompanhamos por meio do sindicato dos jornalistas e estamos o tempo todo dispostos a dar o suporte para o profissional ou a profissional assediado ou assediada moral ou sexualmente. Nesses casos, as mulheres são a maioria das vítimas. É uma cultura que está presente tanto na iniciativa privada quanto na iniciativa pública. O assédio moral no serviço público

é até mais corrente que na iniciativa privada porque na iniciativa privada todos os chefes são passíveis de demissão. Certamente as denúncias são ínfimas perto do que ocorre. As pessoas têm muito medo de denunciar e, geralmente, as denúncias só ocorrem após o desligamento do profissional ou da profissional daquela empresa.

Propos recueillis par Florence Le Cam,
Fábio Henrique Pereira & Denis Ruellan

PARA SABER MAIS...

Acesse o conjunto de relatórios Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa publicados desde 1998 pela Fenaj: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>.

2º Dossiê Censura Empresa Brasil de Comunicação (2020): https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie_Censura_EBC_2020.pdf .

RSF, relatório: “O jornalismo frente ao sexismo”: https://rsf.org/sites/default/files/o_jornalismo_frente_ao_sexismo_0.pdf .

